

A produção nas margens: a capoeira como processo de resistência, luta e arte

Production in the boardlines: capoeira as a process of resistance, struggle and art

ANTENORA MARIA DA MATA SIQUEIRA

RESUMO

O objetivo deste artigo é apresentar parte do conteúdo da restituição de pesquisa ocorrida no âmbito do *Seminário: As margens da cidade falam*. A capoeira como processo de resistência nas/das margens é o fio condutor deste artigo, uma vez que foi o tema central da vocalização pública de depoimentos de educadores e ativistas culturais/sociais na mesa do seminário voltada para a produção da cultura nas margens da cidade. A trama do texto foi elaborada com o objetivo de apresentar excertos dessas ricas experiências que tiveram a capoeira como fio condutor. Não seguindo rigidamente os padrões dos textos acadêmicos, o estilo adotado nesta escrita se deve à busca da autora em tentar transmitir aos leitores a centralidade do objeto nele tratado com a força das narrativas dos ativistas culturais em suas palestras, enriquecidas por letras de músicas do mesmo universo. Recorreu-se também à literatura sobre cultura popular, cidadania e capoeira para estabelecer o diálogo entre saber popular e produção acadêmica. A abordagem que objetivou revelar a produção da cultura nas margens das cidades, foco deste artigo, mostrou que vários repertórios de estratégias foram colocados em prática como formas de lidar com situações-limite em seu cotidiano e resistir. As organizações políticas (como associações de moradores), socioculturais (como as associações de capoeira) ou centros comunitários têm sido espaços voltados para a formação de sujeitos políticos que fazem da produção nas margens algo pulsante, de extrema riqueza, que não se fecha

em si mesma. É um misto de consentimento e resistência, e por isso mesmo extrapola o seu contexto de origem para os mais variados cantos da cidade e do mundo.

Palavras-chave: Cultura popular, Capoeira, Resistência, Cidade, Margem da Linha, Morro do Cantagalo.

ABSTRACT

The aim of this paper is to convey some of the content of the research feedback presented in the Seminar “City edges speak”. *Capoeira*, as resistance process of/on city edges, is the leading thread of this article, since it was the central theme of public vocalization of testimonials by educators and cultural/social activists, at the seminar, as part of the debate on cultural production in city edges. The frame of this text intends to show excerpts of those rich experiences that had capoeira as a guide. As they don't strictly follow the standards of academic texts, the style adopted by the author in this writing is drawn by the intention to highlight, to readers, the centrality of the object treated herein, filled with the strength of the narratives of cultural activists in their lectures, enriched by the words from their lyrics universe. The article also appeals to the literature on popular culture, citizenship and capoeira, in order to launch a popular knowledge-academic production dialogue. The approach aimed to unveil cultural production on the edges of cities, as the focus of this article, showed that several repertoires of strategies were put into practice as ways of dealing with extreme situations in their daily lives and ways of resisting. Political organizations (such as residents' associations), as well as sociocultural ones (such as *capoeira* associations) or community centers have become spaces dedicated to the formation of political agents able that launch a pulsating and extremely wealthy production on the edges, rather than self-referred. It is a mixture of consent and resistance, therefore going beyond, from its original context to several city and world corners.

Key Words: Popular culture, Capoeira, Resistance, City, Boardline, Margem da Linha, Morro do Cantagalo

*Às vezes me chamam de negro
Às vezes me chamam de negro
Pensando que vão me humilhar
Mas o que eles não sabem
É que me fazem lembrar
Que venho daquela raça
Que lutou pra se libertar
Que criou o maculêlê
E acredita no candomblé
Que tem sorriso no rosto
A ginga no corpo e o samba no pé
Que fez surgir uma dança
Luta que pode matar
Capoeira arma poderosa
Luta de libertação
Branco e negro na roda
Se abraçam como irmãos.*

Berimbau...berimbau... berimbau, berimbau, berimbau!

O som do berimbau poderia ter embalado a abertura da última mesa *Produção nas margens e cultura na cidade*¹, do seminário *As margens da cidade falam!*, tendo em vista a centralidade indicada para a capoeira naquele espaço de apresentações e debates. A sua natureza contestatória, entretanto, acordou outra forma de expressão cultural praticada por jovens da periferia fluminense: o passinho². E foi com uma apresentação improvisada da dança do passinho que um jovem, presente na plateia, mostrou seu ritmo e conseguiu adesão de presentes no auditório para experimentar essa forma de expressão cultural. Nela, alguns passos da capoeira se fazem presentes numa mistura com outros ritmos que levam a uma coreografia rica pelas múltiplas influências. Cada qual no seu tempo, ou atravessando gerações, nas rodas da capoeira ou do samba, nos bailes *funk*, no charme ou nas batalhas de passinho, crianças, jovens e adultos manifestam uma produção por muitos considerada periférica, marginal, mas que há muito permeia toda a cidade colocando em confronto a cultura *popular* e a cultura *das elites*.

A dialética cultural possível de apreender é de uma concepção que considera as relações que colocam a cultura popular em uma tensão contínua (de relacionamento, influência e antagonismo) com a cultura dominante. É a arena do consentimento e da resistência. Nesse sentido, a cultura popular não é algo fechado e isolado, mas permeado pelas relações de força do circuito de distribuição de poder do campo cultural (HALL, 2003).

A CAPOEIRA

Luta de resistência que atravessa a história dos brasileiros desde o período colonial, a capoeira é uma tradição reinventada a depender da formação sócio-histórica na qual está imersa. Há elementos que perduram, porque fazem parte da sua marca fundamental: os movimentos de luta, jogo e dança, os instrumentos (berimbau, pandeiro, reco-reco, agogô e o caxixi), a música, o apelido dado ao capoeira por ocasião do “batismo” e a hierarquia nos níveis de aprendizado.

Em capítulo sobre a desconstrução do termo “popular” relacionado à cultura no livro “Da diáspora: identidades e mediações culturais”, Hall afirma que o estudo da cultura popular deve começar com “o duplo movimento de conter e resistir, que inevitavelmente se situa no seu interior”. Nesse sentido, a persistência das tradições e atividades da cultura popular ao longo do tempo acaba “mantendo diferentes relações com as formas de vida dos trabalhadores e com as definições que estes conferem às relações estabelecidas uns com os outros, com seus ‘Outros’ e com suas próprias condições de

1 A mesa foi coordenada pela autora deste artigo e composta por: Cristiane Monteiro, presidente da Associação de Moradores da Margem da Linha/Campos dos Goytacazes/RJ e educadora de capoeira do Centro Juvenil São Pedro, localizado na mesma comunidade, que chamaremos pelo seu apelido de capoeira neste texto, a Dandara; Sidney Silva, ativista cultural e mestre de capoeira no Morro do Cantagalo, Rio de Janeiro (RJ), que chamaremos de Tartaruga, seu apelido na capoeira; e Beatriz Matheus, pedagoga do Centro Juvenil São Pedro e professora da Faculdade Redentor.

Agradeço a Catarine Reginensi a gentileza do convite para participar do seminário dessa mesa, e a Juliana Mendes e Thaís Siqueira pela leitura cuidadosa e sugestões ao texto.

2 O passinho tem referências em vários ritmos, movimentos e danças: *funk*, *hip-hop*, capoeira, samba, frevo, contorcionismo, *stilletto*, balé clássico, *break*, entre outros.

vida”. A cultura popular passa a ser o terreno sobre o qual as transformações são realizadas (HALL, 2003, p.247).

Os estudos sobre a capoeira são consensuais no que tange a sua origem africana, em especial por meio dos bantos de Angola. Na África ela tinha a expressão de dança ritualística. No período do Brasil colonial, com a presença dos negros africanos, a capoeira foi reinventada como forma de defesa pessoal dos escravos contra os opressores dos engenhos (SANTOS e BARROS, 1999; PASTINHA, 1988; FONTOURA e GUIMARÃES, 2002).

A capoeira é essa “mistura de manifestações culturais africanas de várias regiões: de Angola, de São Tomé, de onde saíam” os negros que vieram para o Brasil (palestrante Tartaruga).

É como cantado no ponto de capoeira Navio Negroiro:

*Que navio é esse
que chegou agora
é o navio negreiro
com os escravos de Angola
vem gente de Cambinda
Benguela e Luanda
eles vinham acorrentados
pra trabalhar nessas bandas
Que navio é esse
que chegou agora
é o navio negreiro
com os escravos de Angola
aqui chegando não perderam a sua fé
criaram o samba
a capoeira e o candomblé
Que navio é esse
que chegou agora
é o navio negreiro
com os escravos de Angola
acorrentados no porão do navio
muitos morreram de banzo e de frio*

Compositor: Mestre Camisa

Para Areias (1996), os negros escravizados utilizavam as estruturas das manifestações trazidas da África. A partir delas, criavam novos movimentos e os praticavam para se defenderem do inimigo. Era a capoeira como uma luta para resistir às formas de dominação dos senhores. Foi assim que, adquirindo ora o sentido de luta, ora de jogo e de dança, a capoeira tornou-se uma manifestação cultural brasileira, pautada pelas lutas por liberdade, desde os tempos de escravidão.

Atualmente, a capoeira é definida mais como um jogo, um bem cultural nacional³, onde diversos grupos se distinguem por origem e por estilo (os dois mais conhecidos são Capoeira de Angola e Capoeira Regional), realizando campeonatos e mostras por diversos lugares do Brasil e do mundo.

³ A capoeira é considerada Patrimônio Cultural Imaterial do Brasil e da Humanidade desde 2014.

ARTE, CULTO OU RELIGIÃO? OS PRECONCEITOS E PERSEGUIÇÕES QUE ATRAVESSAM OS TEMPOS

Os recentes episódios de preconceito relacionado à capoeira chamam a atenção para a sua marginalização e perseguição na história do Brasil.

Na condição de escravos, os negros africanos no Brasil colônia eram impedidos de possuir qualquer arma ou praticar qualquer meio de defesa pessoal que colocasse em risco a segurança dos senhores. A capoeira passou a ser a forma de luta possível.

Mello (1996, p.32) afirma que, nas fazendas, “essa prática [da capoeira] se dava de maneira clandestina, pois, uma vez que ela era utilizada como arma de luta, os senhores de engenho passaram a coibi-la veementemente, submetendo a terríveis torturas todos aqueles que a praticassem”.

Para continuarem com a prática da capoeira, os capoeiristas protagonizavam-na como uma brincadeira, em especial quando estavam na presença dos senhores de engenho (SANTOS, 1990). Afirmam Fontoura e Guimarães (2002) que o berimbau era usado para dar o ritmo assim como para chamar a atenção do grupo quando chegava um feitor, sendo esse o momento em que a luta era transformada em dança.

Em 1890 foi decretada a proibição da capoeira em todo o território brasileiro, justificada pela coibição das atuações dos capoeiras contra seus inimigos e pela vantagem que um capoeirista levava no confronto corporal com um policial. Assim é expressa a referida lei em um ponto da capoeira:

Dona Isabel

Compositor: Mestre Toni Vargas

Código Penal da República dos Estados Unidos do Brasil

Decreto número 847

De 11 de outubro de 1890

Capítulo 13

Dos vadios e capoeiras

Artigo 402

Fazer nas ruas e praças públicas,

Exercícios de agilidade e destreza corporal

Conhecido pela denominação “Capoeiragem”

Andar em correrias com armas e instrumentos,

Capazes de produzir lesão corporal,

Provocando Tumulto ou desordem,

Ameaçando pessoas certas ou incertas

Ou incutindo temor de algum mal.

Pena: De Prisão celular de 2 a 6 meses.

É Considerável circunstancia agravante,

Pertencer o capoeira a algum bando ou máurea

Aos chefes ou cabeças

Se em porá pena em dobro

Iêêêêê

Dona Isabel que história é essa

Dona Isabel que história é essa

de ter feito abolição

De ser princesa boazinha que libertou a escravidão

To cansado de conversa,

to cansado de ilusão
Abolição se fez com sangue que inundava este país
Que o negro transformou em luta,
Cansado de ser infeliz
Abolição se fez bem antes e ainda há por se fazer agora
Com a verdade da favela,
E não com a mentira da escola
Dona Isabel chegou a hora
De se acabar com essa maldade
De se ensinar aos nossos filhos,
O quanto custa a liberdade
Viva Zumbi nosso rei negro,
Que fez-se herói lá em Palmares
Viva a cultura desse povo,
A liberdade verdadeira
Que já corria nos Quilombos,
E já jogava capoeira
Iêê viva Zumbi...
Iêê Viva Zumbi Camará
Iêê Rei de Palmares
Iêê Rei de Palmares Camará
Iêê Libertador
Iêê Libertador Camará
Iêê Viva Meu Mestre
Iêê Viva Meu Mestre Camará
Iêê quem me ensinou
Iêê quem me ensinou camará
Iêê a Capoeira
Iêê a Capoeira Camará

A marginalidade e a perseguição não se deram somente no plano político. No plano religioso ela continua a ocorrer.

Os palestrantes Dandara e Tartaruga relataram que os discursos de alguns jovens e crianças das oficinas revelaram o preconceito pela capoeira reproduzido a partir das famílias que frequentam igrejas evangélicas. Para alguns, o atabaque é símbolo do demônio, e a capoeira e o maculelê são identificados como macumba. Para desconstruir o estigma,

Explico que a macumba é um instrumento de percussão de madeira, originário da África. Mostro o instrumento semelhante ao reco-reco. Isso que as pessoas falam que é macumba, não é macumba não, é oferenda. As pessoas generalizam: “fulano é macumbeiro”; não, ele não é macumbeiro, ele é de uma religião de matriz africana, que é o candomblé ou a umbanda, recriadas no Brasil. Tem que aprender a respeitar.

A capoeira não é macumba não, gente, é uma luta de resistência! (Palestrante Dandara)

Os dados do Censo de 2010, do IBGE, apontam um crescimento no percentual de evangélicos: eram 22,2% da população brasileira, enquanto que em 2000 representavam 15,4% dos brasileiros. Ao se analisarem os que são passíveis de serem agrupados

como evangélicos pentecostais, que possuem um discurso mais conservador, verifica-se que 63,7% deles estavam na faixa de renda de até um salário mínimo.

Em geral, o crescimento evangélico se deu pela arregimentação de um público antes católico ou umbandista, se fazendo presente também como refúgio material e simbólico para parcelas da população vítimas preferenciais da violência, em especial os residentes nas periferias. E não só do Estado do Rio de Janeiro. Pesquisa de D'Andrea (2013) identificou o mesmo fenômeno em favelas de São Paulo. Em sua análise, ele ressalta a propagação de um conteúdo conservador do discurso ético-normativo proposto pelos evangélicos e do importante papel no salvo-conduto que o pertencimento ao pentecostalismo oferta, muitas vezes significando a possibilidade de se manter vivo em um contexto de “morte certa”. Tal conteúdo conservador muitas vezes se expressa no combate a outras religiões e credos, assim como às suas expressões culturais, em especial as de matrizes africanas.

Como afirmou Tartaruga, há uma “inversão de valores”

Eu não sei o que é isso, a forma da gente aceitar Jesus é a gente ter que apagar as nossas expressões culturais? Não pode sambar, não pode fazer capoeira, não pode fazer jongo que a gente vê o diabo, que a gente é do demônio, não pode fazer porque a mãe é evangélica?

Eu também acredito em Deus, acredito em Jesus, acredito em Buda, acredito em tudo. Faço capoeira, danço, sambo, é a minha felicidade. Eu não tenho que entrar na felicidade do pastor. Eu respeito muito ele, é a religião dele, mas a minha é a arte (palestrante Tartaruga).

A capoeira sofre muito preconceito do lado dos evangélicos porque eles preferem tirar os filhos da capoeira, deixar o filho fora da capoeira, deixar a criança ficar na rua aprendendo o que não presta. A capoeira exige disciplina, respeito e dedicação (palestrante Dandara).

Na perspectiva de afirmar valores por meio da capoeira, os trabalhos socioeducativos tanto da Margem da Linha quanto do Cantagalo⁴ contribuem para essa formação. A resistência, a disciplina, o respeito, a dedicação, a tolerância foram atributos considerados fundamentais para se tornar um capoeira, devendo incidir no cotidiano dos seguidores. Alguns deles reverberaram estes valores nas posições junto à associação de moradores e no ativismo cultural, em especial no que diz respeito ao processo de deslocamento dos moradores da Margem da Linha para conjuntos habitacionais.

Manifestações como a capoeira, o passinho, o *funk* e o samba também foram enfatizados pelos educadores palestrantes como espaços que promovem o “empoderamento” pela formação e muitas vezes pela projeção pública que vários participantes conquistam. É uma forma de reconhecimento que contribui para fazer face ao que chamam de “outros poderes” que atuam na favela: o “oficial” (governo) e o “paralelo” (do tráfico de drogas). A resistência aprendida com a capoeira expressa a recusa em submeter-se incondicionalmente à vontade dos representantes dos “poderes” por eles classificados. Em seus depoimentos:

4 A Margem da Linha é uma favela localizada em Campos dos Goytacazes (RJ) que contava com 2.196 habitantes na contagem do último Censo (IBGE, 2010). Em 2015, parte desses moradores foi reassentada em conjuntos habitacionais, e outros continuam num movimento de resistência permanecendo em suas moradias. Por sua vez, o Morro do Cantagalo é uma favela localizada na zona sul da cidade do Rio de Janeiro/RJ e possuía 4.771 habitantes em 2010 (IBGE, 2010).

Prá mim, favela não é lugar de preconceito. Desde pequeno, quando comecei a fazer capoeira, a gente sempre treina com o pessoal do asfalto. Eu sempre aprendi que eu não tinha que ter vergonha da minha origem.

A capoeira te passa uma coisa muito legal, porque ela te passa o empoderamento. Ela te reconhece como ser humano, como pessoa. Ela me colocou nesse lugar de respeito (palestrante Tartaruga).

O poder de que falam também passa pelo trabalho, que ao mesmo tempo é catalizador da reprodução intergeracional da cultura.

Fui engraxate, flanelinha, fui camelô e hoje sou um educador social pela capoeira. Em 1990 eu me formei em professor de capoeira e comecei a dar aula com projetos sociais, com o projeto social do mestre Beto. Hoje eu estou dando continuidade e eu tenho outros alunos que estão dando continuidade. Agora estão lá dando aula porque eu vim aqui fazer essa palestra e não para aí. Tem um rapaz lá na Polônia, vivendo lá, fazendo capoeira. Saiu lá da comunidade, vai fazer dez anos que está lá. E já tô mandando outro lá prá Europa, e assim fazer essa oportunidade.

Não é você chegar e ficar fazendo aquele papinho de garoto: sei lá, eu não tô aqui prá salvar o mundo não. Eu falo prá eles: eu tô aqui prá passar uma mensagem, nós somos de uma outra história, somos de outro momento e cada um tem que fazer a sua história, e eu falo a minha realidade de vida pra eles (palestrante Tartaruga).

Eu vou ficar aqui, preparar o jovem, pra depois ele dar seguimento. Ele vai se identificar com a capoeira e vai pegar o gosto pela coisa. E vai continuando o trabalho e a gente vai orientando: é por aqui, é por aqui. Daqui a pouco tem outra criança, tem o núcleo lá, outra lá, e dá a oportunidade.

Uma coisa legal é que os jovens da capoeira estão tendo a oportunidade de fazer faculdade, de estudar. Essa é minha maior recompensa. Eu tive essa oportunidade, mas não consegui, porque é difícil trabalhar, estudar, ter que sustentar a sua casa (palestrante Tartaruga).

Pertenço ao grupo de capoeira Navio Negreiro, do mestre Timbó. A capoeira já estava no sangue da família. Meu tio foi quem me levou para aprender, ele jogava capoeira. A história da capoeira é bonita, de resistência do negro, e essa resistência me fortaleceu. Eu gosto de alguns desafios da minha vida como esse agora na Associação de Moradores da comunidade. Lá no Centro Juvenil eu sou educadora de uma oficina chamada África em nós e também virei uma educadora de capoeira. O Centro Juvenil abriu essa porta para mim (palestrante Dandara).

A atuação na capoeira tem uma perspectiva também de ascensão social, que pode se dar no próprio país e também no além-mar. É comum em países europeus encontrar brasileiros formando capoeiristas estrangeiros, o que contribui para que a ampliação dos trabalhos relacionados ao jogo de capoeira se dê em lugares onde ele não existe na cultura local. Por sua vez, esse intercâmbio tem sido tão frequente que acontecem, anualmente,

os jogos mundiais dessa modalidade. Nesse sentido, o papel dos mestres de capoeira brasileiros tem sido fundamental na sua reprodução, como ilustra o depoimento a seguir:

O meu trabalho fica lá no morro do Cantagalo. Desse trabalho eu já viajei 15 países pela capoeira sem gastar um tostão. Outro garoto da nossa escola está indo para o exterior para tentar viver a vida, que acreditou também nessa vertente.

Eu viajei prá Europa pela primeira vez com 40 anos, e o meu aluno já foi (...) E o meu aluno que já foi e ficou morando lá me levou para Europa várias vezes, de 2011 até o 2016 vou todo ano, tudo pela capoeira (palestrante Tartaruga).

A cultura da margem passa a fazer parte da cartografia do mundo. E faz o movimento de mão dupla ao publicizar internacionalmente e trazer os interessados para o berço de onde saiu a capoeira em direção ao estrangeiro

Eu vou lá e conheço a realidade dos europeus, e eles vêm aqui e conhecem a minha realidade, porque eu não dou aula em colégio particular. Quem quiser conhecer a capoeira tem que subir na favela, tem que subir a mesma escadaria que eu subo há 44 anos. O rapaz de classe média ou de classe mais alta tem que subir a favela e fazer capoeira comigo. Pra mim a capoeira é importante pra minha comunidade.

Hoje têm 20 poloneses lá no morro. O que eu faço? Eu trago eles prá cá e faço uma hospedagem solidária e cada um fica na casa de um aluno meu pra gerar renda pra ajudar a sua família dentro de casa. O pessoal fica lá. Se não tiver cama, dorme no chão (no colchonete, no saco dormir). Eles estão lá numa aulinha, estão há uma semana. Ontem chegaram lá mais dez americanos, chegaram lá do nada, então a galera sobe a favela. São 60 projetos (palestrante Tartaruga).

NO MORRO E NA PLANÍCIE, A FAVELA PULSA ...E VÊ UM ESTADO À SUA MARGEM

Pra mim favela é continuação do Quilombo...

As pessoas falam assim: você acha bonitinho comunidade ou favela? Eu gosto da favela porque vem de Canudos, Antônio Conselheiro, Morro da Providência, que foi a primeira favela do Rio de Janeiro (palestrante Tartaruga).

Em uma sociedade capitalista,

A favela é uma “instituição necessária” ao desenvolvimento do capitalismo, porque é onde se aloja uma parcela da classe trabalhadora. Na aparência há uma contradição entre a massa de riqueza gerada e a extrema penúria de uma grande parte dos trabalhadores. Na essência, o mesmo processo que propicia a produção da riqueza espolia o trabalhador até o limite máximo da sua força de trabalho, única riqueza que lhe restou

e que vê esgotada dia a dia. A favela é então um dos aspectos da organização do espaço para e pelo capital (RODRIGUES, 1988, p.3).

Nesse espaço, a invisibilidade programada retira da cartografia da cidade a existência da favela.

Eu sempre tô à margem da sociedade: Ipanema tá aqui, Copacabana ao lado, e eu tô aqui, nas costas de Ipanema. Então, quando as pessoas sobem na minha comunidade de carro, o GPS apaga. É como se a gente não existisse. É muito louca essa parada... e isso com todo o desenvolvimento que existe nas favelas.

Eu moro em uma rua, número 200. Essa rua, depois do número 200, quando você sobe as escadas, ela já não existe mais, entendeu?

Então eu quero que a minha comunidade passe a fazer parte do mapa da cidade. As ruas da minha comunidade têm que estar nos mapas da cidade para os atendimentos chegar, pro correio chegar e levar a cartinha pra minha casa, pra quando eu for comprar um móvel eu não precisar dar o endereço de ninguém (palestrante Tartaruga).

O estigma da favela como “área de risco” é vista, pelos palestrantes, como algo construído pelos governos. Problematizar a questão do risco se torna pertinente, em especial quando os moradores do local assim classificado não se veem em tal condição. Que risco? Classificado como risco por quem e por quê? Risco para quem?

Constar no mapa da cidade é importante pro cabra chegar e não falar que lá é área de risco. Não existe área de risco. Existe comunidade. Se tá morando lá no Pavãozinho, se jogar lixo lá, cai lá na praia de Copacabana. Então o prefeito considera que isso é risco e vai tirar as casas lá de cima (palestrante Tartaruga).

Nas últimas décadas, o termo “área de risco” tem sido utilizado por peritos para substituir a expressão “área carente”. No imaginário social, “área carente” estava associado a uma condição territorial, socioeconômica e política precária, ou seja, à

ideia de um espaço deteriorado materialmente, uma população incapaz e inerte para fazer face ao provimento de seus mínimos vitais e sociais e uma interlocução deteriorada dos ali residentes com o Estado (VALENCIO, 2009, p. 34).

Ao adotar o termo “área de risco”, tal perspectiva é corroborada e ampliada com a inserção de atributos ambientais que passam a justificar, com a prova de laudos técnicos muitas vezes embasados com finos recursos tecnológicos, as fragilidades socioeconômicas combinadas com as geobiofísicas. Com todo esse aparato, os meios que a população possui para contrapor com o seu saber sobre os riscos são restritos, restando-lhes os contralaudos de profissionais que também consideram o saber popular.

Em processos dessa natureza, evidencia-se, de acordo com Valencio (2009, p. 35), que, por meio dos pareceres de especialistas, elabora-se uma cartografia do risco como se

a inserção de moradias em solos propensos a tais eventos fosse um

risco autoimposto à vida, uma convivência arbitrária dos moradores do local com as ameaças “naturais” (chuvas, deslizamentos, enchentes, ventos), o que converteria sua territorialização em algo inadmissível, ilegítimo.

Os laudos, pareceres e mapas são instrumentos que dão legalidade à prática de remoções compulsórias, obscurecendo a dimensão política do processo em que se opta por uma determinada interpretação espacial da realidade local, nem sempre para áreas que ficarão vazias porque haja perigo em ali se estabelecer. Muitas vezes tais pareceres referendam um deslocamento de caráter higienista, ou mesmo para dar lugar a usos prioritários dos agentes econômicos. Criam-se mapas de risco da cidade sem a participação dos que ali vivem, descartando a possibilidade de outras interpretações do como se pode viver no mesmo espaço, com outras conformações e urbanidades.

Eu passei aqui [em Campos dos Goytacazes] de ônibus, vindo de Vitória. Eu vi a remoção que vocês mostraram na foto aqui hoje e falei que tá acontecendo a mesma coisa lá no Rio de Janeiro, na zona sul, na Vila Autódromo. A mesma coisa. Eles tiram as pessoas das casas, que não tem como carregar os móveis, carregavam no lombo. Fizeram suas casas de três andares com dificuldade, meu irmão. Eu vi as pessoas chorarem, pessoas estão deprimidas. E colocaram as pessoas em um buraco [casa] de 42m² e detalhe. Eles não fazem a habitação primeiro, eles tiram as pessoas de suas casas, e quem resistiu, a polícia foi tirar (palestrante Tartaruga).

As remoções a que Tartaruga se refere têm em comum a resistência de muitos moradores para não serem deslocados de seus locais de moradia. Os conflitos envolvem moradores, governos e empresas. O projeto da Vila Autódromo/Rio de Janeiro é para dar lugar à Vila Olímpica que abrigará os jogos olímpicos de 2016. O projeto da Favela Margem da Linha/Campos dos Goytacazes foi com a justificativa de ser área de risco por ficar à margem da ferrovia, mas estudo de Mendes et al (2014) e Gomes (2015) apontam o interesse dos agentes imobiliários em aliança com o governo municipal para liberar área de expansão para novos investimentos no município.

O processo histórico de resistência dos sujeitos residentes nas favelas tem a sua expressão nas mais variadas formas de manifestação cultural. As precárias condições socioespaciais a que são submetidos, fomentados e autorizados pelo Estado, também podem ser consideradas como situações de “risco” por ele promovida. E na história da vida dos protagonistas deste artigo, alguns ritmos e práticas sociais foram comuns. A letra do samba a seguir ilustra a desigualdade sempre presente no espaço urbano:

*Lata d'água na cabeça,
lá vai Maria, lá vai Maria
Sobe o morro e não se cansa
Pela mão leva a criança
Lá vai Maria (...)
Maria lava roupa lá no alto
Lutando pelo pão de cada dia
Sonhando com a vida no asfalto*

Que acaba onde o morro principia.

Samba de Luiz Antonio e Jota Junior

Em 1952, o samba Lata d'água na cabeça, cantado pela voz da famosa Marlene, ecoava nos programas de rádio entre outras composições que mostravam a dificuldade do dia a dia das favelas. A desigualdade socioespacial se reproduziu e, no lugar das latas, hoje se têm os baldes. Equilibrar a lata d'água na cabeça também foi uma tarefa marcante na vida de Dandara e de Tartaruga. Em meio ao canavial na Planície, ou às trilhas no Morro, era preciso ir distante para terem acesso à água.

Já carreguei lata de água na cabeça, já catei lenha no mato para mamãe acender o fogão de lenha porque o gás ela não tinha condição de comprar, e quando comprava, tinha que poupar, usar mais nos dias de chuva e mamãe cozinhava mais no fogão a lenha. Então eu rodava nos matos lá, com as mulheres mais velhas para poder catar lenha prá acender o fogão.

Na comunidade também não tinha água, nem luz. Então a gente tinha que pegar água na bica que era lá do outro lado da pista, que entrando ali no recanto das Palmeiras, é do outro lado que a gente pegava água, mas não existia pista [BR101]. Ali era canavial de um lado e canavial do outro. A gente morava entre os canaviais (palestrante Dandara).

Eu era garoto, numa periferia na zona sul do Rio de Janeiro, a gente sempre teve um bom ar, a melhor vista, mas a gente nunca teve um desenvolvimento social e sustentável nas periferias, né? Passei pela mesma peregrinação da Cristiane, carreguei muita lata de água na cabeça, fecho de lenha (palestrante Tartaruga).

Se a capoeira é um espaço de fortalecimento da autoestima e de valorização da cidadania, esse movimento não encontra ressonância nos setores públicos que poderiam fazer da favela o lugar da efetivação de direitos. A invisibilidade faz com que a margem seja vista da seguinte forma:

Até hoje a favela é vista com discriminação, quando a gente vai virar nação, quando nós vamos ser inseridos como povo?

Não adianta fazer conjunto habitacional, gastar rios de dinheiro. O poder público não assume a comunidade, então eu sempre estou à margem da sociedade (...) De uma certa forma, o poder público sempre esteve na favela, só que ele trabalha de forma errada, ele não quer assumir a favela, não quer que a gente faça parte da cidade ou da nação, do Brasil... (palestrante Tartaruga, 2015).

O questionamento feito no início da citação e a afirmação ao final remetem à noção de cidadania (ou mais especificamente da sua ausência). Cidadania como

capacidade conquistada por alguns indivíduos, ou (no caso de uma democracia efetiva) por todos os indivíduos, de se apropriarem dos bens socialmente criados, de atualizarem todas as potencialidades de realiza-

ção humana abertas pela vida social em cada contexto historicamente determinado (COUTINHO, 2000, p.50).

As reflexões e reivindicações por visibilidade na cena pública e nas referências da cidade demarcam posições desiguais no direito à definição, construção e uso do espaço urbano.

MOVIMENTO DE RESISTÊNCIA ENTRE O FORTALECIMENTO DE VÍNCULOS E A DEFESA DOS DIREITOS

As instituições educacionais, culturais, religiosas e as associações voluntárias também contribuem para a formação ideológica e cultural. Nelas, os intelectuais têm uma responsabilidade especial na circulação e no desenvolvimento da cultura e da ideologia, podendo assumir posições distintas, alinhando-se às disposições existentes das forças sociais e intelectuais ou se alinhando às forças populares emergentes e buscando elaborar novas correntes de ideias.

O termo resistência é utilizado por Hall (2003) ao trabalhar o conceito gramsciano de hegemonia. Na sua leitura, Gramsci abre a possibilidade de se pensar o conflito de classe não apenas na relação dominantes e dominados, mas como forças que disputam um projeto hegemônico e, mesmo que não conquistem a hegemonia, continuam presentes no campo de disputa com suas estratégias de resistência. Como afirma o autor:

Negociação, resistência, luta: as relações entre uma formação cultural subordinada e uma dominante, onde quer que se localizem nesse espectro, são sempre intensamente ativas, sempre opostas num sentido estrutural (mesmo quando essa “oposição” for latente, ou experimentada simplesmente como o estado normal das coisas...). Seu resultado não é dado, mas construído. A classe subordinada traz para esse “teatro de luta” um repertório de estratégias e respostas – formas de lidar com situações e resisti-las [sic]. Cada “estratégia” no repertório mobiliza certos elementos materiais, sociais [e simbólicos]: os constrói como suportes para diversas formas de vida das classes, [negocia] e resiste à contínua subordinação das mesmas. Nem todas as estratégias têm o mesmo peso; nem todas são potencialmente contra-hegemônicas. (HALL, S. e JEFFERSON, T. (Org.) 1976 apud HALL, 2003, p.229).

Na medida em que estão disputando hegemonia que é política, econômica e sobretudo simbólica, importante é perceber que ela não desaparece como força política e cultural, uma vez que hegemonia é direção moral e intelectual (GRAMSCI, 2001). Construir a direção moral e intelectual é algo complexo e que exige sujeitos engajados em escolhas e ações políticas. Os três palestrantes da mesa do seminário ao qual este artigo faz referência atuam nos processos de resistência nas localidades em que moram e/ou trabalham, por meio da Associação de Capoeira Liberdade, no Morro do Cantagalo-Rio de Janeiro, e do Centro Juvenil São Pedro, junto à associação de Moradores da Margem da Linha, na Favela Margem da Linha-Campos dos Goytacazes/RJ. Nesta posição, optam por uma direção em prol de um coletivo que valoriza, articula, fortalece e publiciza os interesses e projetos locais de valorização e emancipação dos sujeitos. Em localidades com a insuficiente, equivocada ou inexistente presença do Estado, tais organizações são o ponto de apoio de muitos moradores.

Em 2009, de modo mais específico, começou a crescer uma preocu-

pação [na Margem da Linha] de que no entorno iam chegando mais vizinhos e a relação podia não ser mais tranquila (...) Todo mundo que tem vizinho sabe que conviver gera algum tipo de conflito. Começaram a acontecer algumas remoções pontuais, indenizadas pela Autopista [concessionária da BR 101]. As pessoas começaram a ir no Centro Juvenil, que se tornou uma referência por ser o único equipamento situado dentro da favela, e conversar com a gente. Entendemos que era o momento da gente aprofundar o debate a respeito e pensar formas de mobilizar essa comunidade, porque era óbvio que algo estava por acontecer e as pessoas precisavam minimamente se preparar para fazer essa discussão. Foi o que deu origem ao segundo projeto, em 2011: o de mobilização e defesa de direitos (palestrante Beatriz Matheus).

A construção de um processo que fortalecesse os moradores na construção de sujeitos políticos foi vista como necessária para fazer frente aos deslocamentos para conjuntos habitacionais que estavam em curso, sem a participação dos moradores nas decisões tomadas. Como resposta, a estruturação de arenas públicas envolvendo primeiro os moradores e posteriormente atores de universidades, da Prefeitura, do Ministério Público, entre outros, foi a estratégia central desse processo que fomentou esclarecimentos, explicitação dos conflitos, debates e propostas.

A gente começou com reunião com sete moradores (...) e veio sempre numa crescente. Tivemos reuniões com mais de 150 pessoas. O processo em alguns momentos ficava um pouco mais tenso, em outros adormecia um pouco, acompanhando um pouco o ritmo das intervenções do município (...). Várias formas de resistência foram experimentadas, mas em 24/11/2014 começaram efetivamente as remoções, depois de muita conversa com o poder público, com pelo menos três secretários municipais, da mesma pasta, que foram se sucedendo dentro do governo, com as universidades dialogando também, com os moradores, a partir de uma série de denúncias que foram feitas (palestrante Beatriz Matheus).

As denúncias a que se refere a palestrante geraram um dossiê por eles elaborado e enviado para organismos considerados estratégicos. Entre eles estavam a Organização da Nações Unidas, organismos de direitos humanos e Ministério Público.

Trabalhos envolvendo a dimensão cultural de cunho educativo são reafirmados e mantidos pelas organizações conduzidas por moradores:

Nos trabalhos de capoeira, jongo e maculelê, a gente conscientiza as crianças para a cultura. É através do meu trabalho de capoeira, da minha oficina de capoeira e do teatro da Geovana. Ano passado produzimos uma peça de teatro com capoeira chamada Navio Negroiro. Que coisa maravilhosa! (palestrante Dandara)

Lá na nossa comunidade [Morro do Cantagalo] têm os trabalhos sociais da comunidade, que são eu, Cláudio Coelho no box, tem a galera do jiu-jitsu, a menina da dança afro, da dança do balé, da dança de salão. E tem as mega ONGs. São muitas. Então a gente fez uma estratégia assim: a galera que tem grana [as “mega ONGs”] trabalha até as 17h00, nada contra. Depois que eles vão embora, então a gente trabalha de-

pois desse horário, que é onde as crianças e os jovens saem da escola e ficam perdidas no caminho. A gente tem lá um grupo em torno de dez projetos coordenados por moradores. São todos meninos que na época tiveram a oportunidade e que hoje estão na frente, multiplicando trabalho. É você trazer essa identidade para a sua comunidade e fazer eles ter esse valor da cultura local, porque sem cultura não se é nada. E dá esse empoderamento, porque eles pertencem à cidade, eles não pertencem só ao Morro do Cantagalo, eles podem frequentar qualquer lugar que queiram, qualquer equipamento público (palestrante Tartaruga).

A cultura também é vista por eles como uma forma de expressar o que pode enobrecer a favela, criando outra via e outras mídias para mudar a imagem construída (ou destruída) pela mídia hegemônica.

A mídia tá falando que comunidade só dá tiro, só dá tiro, só dá tiro. Eu acredito que ninguém na comunidade, andando assim durante o dia, o traficante vai chegar e dar um tiro porque é branco ou porque é preto. Você acorda, a Record [emissora de TV], que é de uma Igreja Universal, ela é sangue puro, parecia o jornal O Povo; e você chega em casa à noite e é a mesma coisa. Então, quem tá na comunidade absorve isso, as pessoas viram refém (palestrante Tartaruga).

Cidadania é o processo progressivo e permanente de construção dos direitos democráticos (COUTINHO, 2000), e é o que os palestrantes buscam quando repetem a todo momento:

Eu não sou coitado, eu quero todos os direitos que a constituição me permite. Eu quero sim o dinheiro do poder público, eu quero sim estar de olho na Secretaria de Cultura. Seja onde for, eu não sou coitado. A gente tem que se organizar pra reivindicar direitos. Queremos direitos iguais pra todos (palestrante Tartaruga).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A tessitura deste artigo mostrou em suas tramas que a capoeira é uma expressão cultural que mistura luta, dança, música, esporte e brincadeira. Adentrar em seu universo para revelar o seu caráter de resistência foi mergulhar na história do Brasil desde o período colonial até hoje e também reconhecer uma tradição em processo de constante transformação a partir das bases sócio-históricas nas quais se encontra. Muita luta e muito sangue marcaram a sua trajetória até que se conquistasse o seu acesso aos espaços públicos sem a perseguição de senhores de terra, policiais e religiosos e se tornasse patrimônio imaterial brasileiro e internacional.

Vários repertórios de estratégias e respostas foram colocados em prática como formas de lidar com situações-limite em seu cotidiano e resistir, seguindo as lições da capoeira. As organizações políticas (como associações de moradores), socioculturais (como as associações de capoeira) ou centros comunitários têm sido espaços também voltados para a formação de sujeitos políticos.

A produção nas margens é algo pulsante de extrema riqueza que não se fecha em si mesma. É um misto de consentimento e resistência, e por isso mesmo extrapola o seu contexto de origem para os mais variados cantos da cidade e do mundo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AREIAS, Almir das. (1996). *O que é capoeira*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense.
- COUTINHO, Carlos Nelson. (2000) *Contra a Corrente. Ensaios sobre democracia e socialismo*. São Paulo: Cortez.
- D'ANDREA, Tiarajú Pablo. (2013). *A formação dos Sujeitos Periféricos: Cultura e Política na Periferia de São Paulo*. Tese de doutorado em Sociologia – USP, São Paulo.
- FIBGE. (2010). Censo Demográfico
- FONTOURA, Adriana R. R.; GUIMARÃES, Adriana C. A. (2002). História da Capoeira. *Revista da Educação Física/UEM*. Maringá.
- GOMES, Marcos S. (2015). A produção e a valorização desigual do espaço urbano em Campos dos Goytacazes-RJ: uma análise das ações do Estado e dos promotores/incorporadores imobiliários. *Revista Geografares*, v.19, p.28-41. <http://www.periodicos.ufes.br/geografares/article/view/8987>. Acessado em 15/12/2015.
- GRAMSCI, Antonio. (2001). *Cadernos do Cárcere*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, v.1.
- HALL, Stuart.. (2003). *Da diáspora: Identidades e mediações culturais*. SOVIK, Liv (Org.); Tradução Adelaine La Guardia Resende... [et all]. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil,
- MELLO, André da S.. (1996). Esse nego é o diabo, ele é capoeira ou: da motricidade brasileira. *Revista Discorpo*. São Paulo, n.6, p.29-39.
- MENDES, Juliana. T. N. ; GOMES, Marcos. A. S. ; SIQUEIRA, Antenora M. M . (2014). Políticas Públicas, Moradia Popular e o Programa Morar Feliz em Campos dos Goytacazes-RJ: uma análise acerca da Favela Margem da Linha. *Libertas* (UFJF. Online), Juiz de Fora, v. 14, p. 1-20
- PASTINHA, Mestre. (1988). *Capoeira angola*. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia,
- RODRIGUES, Arlete M. (1988). *Moradia nas Cidades Brasileiras*. 3ª ed. São Paulo.
- SANTOS, Luiz Silva. (1990). Educação, Educação Física, capoeira. Maringá: *Imprensa Universitária*.
- SANTOS, Leonardo J. M.; BARROS, Luciana de O. (1999). O histórico da capoeira: um curto passeio da origem aos tempos modernos. *Revista Digital*. Buenos Aires, ano 4, n.15. Disponível em: <http://www.efdeportes.com>. Acessado em 12/11/2015.
- VALENCIO, Norma. (2009). Da área de risco ao abrigo temporário: uma análise dos conflitos subjacentes a uma temporalidade precária. In: VALENCIO, Norma; SIENA, Mariana; MARCHEZINI, Victor; GONÇALVES, Juliano (orgs). *Sociologia dos Desastres: construções, interfaces e perspectivas no Brasil*. São Carlos: RiMa Editora.

Antenora Maria da Mata Siqueira

Doutorado em Planejamento e Desenvolvimento Rural Sustentável/EA, Docente da Universidade Federal Fluminense (UFF) – Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Regional, Ambiente e Políticas Públicas